



Príncipe diante de uma bromélia: Amazônia abriga 20% de todas as epífitas

**Amazônia**

# Jardim suspenso

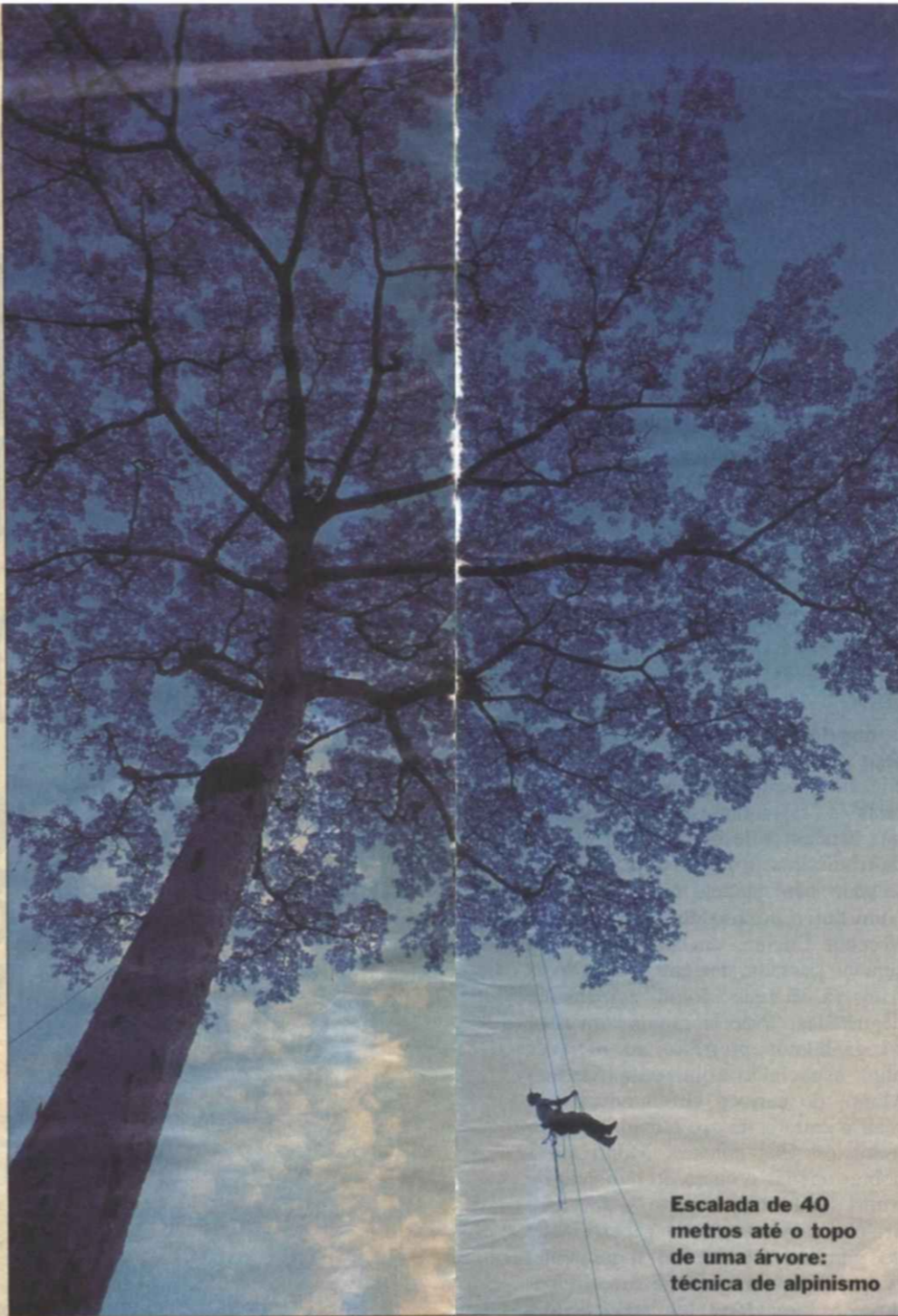
Cientistas se aventuram na copa das árvores para registrar flores que vivem nas alturas

**Klester Cavalcanti**

O fotógrafo francês Leonide Príncipe e o biólogo paranaense Jefferson da Cruz caminharam três horas seguidas na Floresta Amazônica atrás de uma florzinha que nasce na copa das árvores. Quando viram, pelo binóculo, a *Paphinia grandiflora* lá no alto, ela estava fechada. Estimaram a época em que abriria e combinaram a volta para dali a quinze dias. A orquídea continuava fechada, impossível de ser fotografada. Foram outras seis horas de andança em vão em terrenos encharcados, sob calor escaldante e nuvens de mosquitos. A dupla retornou cinco dias mais tarde. "Magnifique", empolgou-se Príncipe, resgatando sua língua natal. A orquídea estava no auge da floração. Em compensação, caía uma chuva torrencial. "A

flor só tinha mais duas ou três horas de vida", conta o fotógrafo. "Não podíamos perder tempo." Sob uma improvisada cobertura de lona plástica, para proteger o equipamento fotográfico e a própria flor dos pingos da chuva, Príncipe, de 47 anos, escalou a árvore de 25 metros de altura. Só então conseguiu a sonhada foto.

Aventuras dessa natureza são uma rotina na vida de Príncipe e Cruz. Os dois prepararam um livro sobre as flores epífitas, aquelas que crescem na copa das árvores. São espécies raríssimas. Na Floresta Amazônica, elas representam pouco mais de 3% das 30 000 espécies de plantas já identificadas. Estima-se que em todo o planeta existam 5 000 espécies de plantas aéreas, e a Amazônia sozinha abriga 20% delas. Os biólogos acreditam que, antes de ser devastada, a Mata Atlântica tinha mais epífitas que qualquer outro local do mundo. Hoje, com menos de 8% de sua área original, o número está reduzido a cerca de



Escalada de 40 metros até o topo de uma árvore: técnica de alpinismo

700 espécies. As plantas aéreas não retiram alimento das árvores em que vivem, apenas as usam como apoio e veículo para alcançar a luz. Muitas vezes são as formigas que levam a semente da planta até a copa. "A semente vai junto com o material utilizado pela formiga para construir seu ninho", explica Cruz. "É uma estratégia de sobrevivência na floresta."

**Cena de cinema** — O trabalho de campo começou em 1997, e o livro *Plantas Aéreas do Amazonas* deve estar

pronto no ano que vem. O plano é ilustrá-lo com cerca de 300 fotografias de orquídeas, bromélias e outras epífitas. Encontrar e registrar em fotos essas flores é um desafio complicado. Algumas escolhem como abrigo o alto de árvores com mais de 40 metros de altura, o equivalente a um edifício de treze andares. Outras têm vizinhos pouco amistosos, como aranhas, cobras, abelhas e formigas peçonhentas. Adversidades como as enfrentadas por Príncipe e Cruz são tão cinematográficas que já foram tema de Hollywood. No filme *O Curandeiro da*

**Galeandra devoniana: com ajuda de formigas**

*Selva*, de 1992, o ator Sean Connery interpreta um cientista que descobre nas copas das árvores amazônicas uma planta capaz de curar o câncer.

No cinema, o herói usa um elevadorzinho para chegar ao topo das árvores e caminha sobre pontes suspensas. Na vida real, a equipe tem de suar bem mais a camisa. Os pesquisadores enfrentam as dificuldades da natureza carregando um peso extra de 30 quilos de aparelhagem fotográfica e mais 40 quilos de artefatos para alpinismo, como cordas, roldanas, mosquetões e cabos de aço. Levam até uma cadeirinha dobrável para o fotógrafo ter um apoio fixo na copa da árvore. Atingir o topo exige técnicas primitivas mescladas ao uso de aparelhos mais modernos. Com arco e flecha importado, os pesquisadores laçam o galho em que vão pendurar-se. A escolha do ângulo e do galho ideais é imprescindível para a segurança da operação. Apoiar a corda num galho frágil pode significar a morte. A flecha é lançada com um fio de náilon amarrado na extremidade. A esse fio, que se enrola no galho, é amarrada uma corda, em que é presa outra corda, ainda mais grossa. Montar o aparato para a escalada pode requerer até cinco horas de trabalho.

**Cruzamento raro** — Certo dia, Príncipe estava tão concentrado em captar o esplendor da orquídea *Oncidium cebolleta* que não percebeu o formigueiro que subia pela corda. "Procurei ficar calmo e fazer a foto", lembra. "Já estava na árvore por quase três horas e não podia perder a luz." Segundos depois, foi atacado por centenas de formigas. De volta ao chão, conseguiu livrar-se da maioria delas, mas ficou com as pernas e os braços inchados e uma

**Brassavola martiana: em cachos**



coceira insuportável. O biólogo Cruz foi atacado por um enxame de abelhas conhecidas como lambe-olhos ou enrola-cabelos. "Elas não são venenosas, mas incomodam bastante", diz Cruz.

Em cada expedição, Príncipe e Cruz chegam a perder até 5 quilos. Nas mochilas, levam arroz, feijão, farinha e leite em pó. Na mata pegam frutas e nos igapós, peixes. Banho, nem pensar. Eles já ficaram até quinze dias sem ver sabonete ou xampu. "O sabonete tira o excesso de gordura do corpo que serve como proteção contra os insetos", explica. Príncipe convive sem reclamações com o desconforto. "Um dia, eu estava muito cansado e tinha de esperar três horas para a flor abrir. Encontrei um galho confortável, deitei e tirei um cochilo", conta.

A dupla já se embrenhou na mata em doze expedições. Foram feitas 12 000 fotografias de 100 espécies de epífitas. As mais difíceis são das orquídeas efêmeras, que nascem e morrem no mesmo dia, e das microorquídeas, cujas flores têm 2 milímetros de diâmetro. O trabalho de pesquisa não prevê folgas em fins de semana, feriados ou qualquer data especial. No réveillon do ano passado, os dois pesquisadores estavam na floresta, como sempre. Às 21 horas, desejaram-se feliz Ano-Novo, abriram uma garrafa de champanhe morno, deram uns goles e foram dormir. Em compensação, foi nessa expedição que encontraram um híbrido natural de orquídea, nascido do cruzamento de duas espécies distintas. "Isso é comum em laboratório, mas há poucos registros na natureza", observa Cruz. A preciosidade encontrada e fotografada é a *Cattleya brymeriana*, uma bela orquídea de pétalas roxas e miolo amarelo. Para concluir o projeto, eles planejam mais seis missões. A próxima está marcada para começar no dia 20 de dezembro, o que significa que eles devem passar mais um réveillon dentro da floresta. ■



**Cattleya violacea e louva-a-deus: beleza selvagem**